

**OLHARES DO HIP HOP SOBRE A CIDADE: RETOMADAS DO ESPAÇO PÚBLICO**

**Tereza Correia da Nóbrega Queiroz**

**Introdução:**

Este trabalho é resultado de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Juventude – GRUPEJ, que vem estudando grupos juvenis na cidade de João Pessoa com o objetivo de analisar a sociabilidade juvenil contemporânea em articulação com a experiência vivenciada no espaço urbano. Alguns grupos vem sendo alvo de atenção a exemplo de grupos de skatistas, turmas de bairro, anarco-punks e o movimento hip hop. Nossa intervenção neste momento focalizará o movimento hip hop em João Pessoa, que vêm tendo certa presença e atuação nos bairros periféricos da cidade.

A pesquisa localizou grupos deste movimento na cidade de João Pessoa, entrevistou alguns de seus integrantes além de coletar letras de músicas e discos gravados por alguns grupos, presenciou alguns shows e fotografou grafitis elaborados por seus integrantes.

É com base neste material que será feita uma reflexão sobre o significados que os grupos de hip hop atribuem á sua experiência juvenil e as marcas que imprimem ao espaço urbano em que circulam.

Iniciamos com uma reflexão sobre o conceito de juventude, as experiências que constroem e significam esta etapa da vida na modernidade, para situar o movimento hip hop enquanto uma forma de expressão de jovens que se encontram em situação de exclusão social e que encontraram nesta situação de adversidade uma forma de recriar de forma incisiva suas origens étnicas e culturais, herança á partir da qual assumem uma atitude afirmativa e guerreira.

Em seguida, situamos as origens do movimento hip hop na América, situando o contexto de degradação urbana no qual ele emergiu e ao qual responde de forma afirmativa. Completamos este regate histórico com uma breve análise do movimento hip hop no Brasil, principalmente em São Paulo, que constitui um dos principais marcos de referência para o movimento em João Pessoa.

E finalmente na última parte analisamos a produção musical de alguns grupos de hip hop em João Pessoa, focalizando o significado que atribuem á juventude e á experiência urbana que vivenciam.

**2. Juventude, experiência urbana e pobreza.**

Existe toda uma linha de estudos no cruzamento da sociologia com a antropologia que rejeita a noção essencialista de juventude que atribui uma correspondência imediata entre determinado momento do curso da vida e juventude entendida como uma moratória, como um momento separado da existência voltado para a

preparação para a vida adulta. Eisenstad discutiu a diferença entre juventudes das sociedades tradicionais e sociedades modernas, mostrando que é próprio destas últimas certa descontinuidade entre infância, juventude e o mundo adulto, o que tende a transformar a juventude numa idade problemática (Eisenstadt, 1976).

Ariés (1981) desenvolve a tese de que a juventude é uma invenção moderna, que emerge juntamente com a polarização entre vida pública e privada, e a disseminação de formas de classificação e hierarquização, em substituição à sociabilidade densa que vigorava na sociedade antiga e que misturava diferentes classes e grupos etários. A juventude é isolada num espaço específico de socialização – a escola – que substitui a forma anterior de aprendizagem onde a socialização ocorria no contato direto com o mundo e as atividades dos mais velhos.

Schindler (1996) questiona em parte as ideias de Ariés demonstrando que na sociedade antiga havia já a concepção de juventude, o que pode ser atestado pela vitalidade da cultura juvenil da época, explicitada em rituais e folguedos próprios desta etapa da vida. Nesta sociedade, porém, a juventude tem outro sentido e função e a interação e as trocas entre os mundos adulto e juvenis se faziam com mais frequência tornando mais rico o contato geracional.

Autores mais recentes como Abramo (1994) e Groppo (2000) atualizam o debate sobre a juventude contemporânea sinalizando as mudanças que vem se processando nas formas de construção desta etapa da vida.

Para Groppo, a juventude é entendida como uma representação social que tem repercussão sobre as práticas e comportamentos dos sujeitos. Trata-se de uma construção social que se elabora continuamente e que envolve uma diversidade de atores e instituições sociais, entre os quais se incluem os próprios jovens. Na elaboração da moderna noção de juventude tiveram papel destacado os pedagogos, a escola, a família, a ciência, em particular a psicologia. Outro aspecto destacado pelo autor diz respeito à desconfiança da modernidade em relação aos jovens, vistos em geral como instáveis e perigosos, a exigirem portanto uma vigilância permanente para não resvalarem por caminhos "equivocados". Poucas vezes se perguntou pelo mal-estar juvenil e sobre as razões de sua atração pelos caminhos avessos.

Atualmente é difícil falar de juventude dada a diversidade de manifestações e de caras com que ela se apresenta. Temos ainda um setor privilegiado que vem tendo um papel importante na configuração das juventudes contemporâneas: a mídia, que, na percepção de alguns estaria desconstruindo a noção moderna de juventude com a quebra das barreiras que segregavam crianças e jovens em mundos separados.

A juventude contemporânea tem também um papel significativo na construção de sua própria identidade e é sobre esta participação que nos debruçaremos no momento tomando o exemplo do movimento hip hop da cidade de João Pessoa.

Uma novidade das últimas décadas é a presença da juventude urbana pobre como autora de um estilo próprio visibilizado pela mídia e capaz de influenciar outros segmentos juvenis. O que contraria e remete a revisão de enfoques sociológicos que tradicionalmente encaravam as manifestações públicas de jovens pobre no registro do desvio, da marginalidade ou da delinquência.

Trata-se de um movimento juvenil, que se manifesta, sobretudo, através de manifestações artísticas e de ações sociais, e representa uma afirmação da parcela

mais desfavorecida da sociedade, aquela que habita as periferias da cidade e que tem as marcas das discriminações associadas à negritude e à exclusão social.

Como emergiu este movimento, como conseguiu se expandir, quais as razões das identificações de jovens de diferentes cidades e regiões? O que as juventudes de diferentes lugares tem de comum e de diferente?

### **3. O canto indignado dos guetos de Nova York.**

O hip hop é um movimento juvenil que surgiu e expandiu-se nas décadas de 70 e 80 nos Estados Unidos. Tem raízes na tradição cultural afro-americana e desenvolveu três expressões principais: o rap, o grafitti e a break dance (Arce, 1999).

Para Rose (1997), ele surge em Nova York, no contexto da cidade pós-industrial, que vivenciava um vertiginoso desenvolvimento tecnológico que teve consequências sociais perversas decorrentes da desindustrialização, da ampliação do setor de serviços e do informal, que degradou as condições e perspectivas de vida dos que vivem do trabalho. A crise econômica e a redefinição do papel do Estado que diminuía sua atuação no sentido de reparar injustiças sociais e promover maior igualdade, levou também a radicalizações de discriminações raciais e de gênero. As perspectivas de ascensão social se reduziram drasticamente. Além disso, o corte de verbas para investimentos urbanos e políticas habitacionais acarretou a deterioração de bairros de população mais pobre, a exemplo do South Bronx, e tiveram um impacto devastador sobre os jovens de origem negra ou hispânica.

O South Bronx é, segundo a autora citada, o berço da cultura hip hop, e lá tomam forma, de maneira drástica, os efeitos da sociedade pós-industrial.

Foi neste contexto de degradação urbana e discriminação que os jovens negros e latinos inventaram formas criativas de expressão e resistência: o hip hop. "A cultura hip hop emergiu como fonte de formação de uma identidade alternativa e de status social para os jovens numa comunidade, cujas antigas instituições sociais de apoio foram destruídas, bem como outros setores importantes. As identidades alternativas locais foram forjadas a partir de modas e linguagens, de nomes e ruas e, mais importante: do estabelecimento de grupos e turmas de bairros" (Idem, 1977).

Herschman também situa a origem do hip hop nos guetos de Nova York quando DJ's como o jamaicano Kool-Herc e seu discípulo Grand Master Flash começaram a dar festas no gueto do Bronx (NY), utilizando-se de técnicas que posteriormente se tornaram fundamentais para este tipo de música eletrônica. Dentre estas técnicas destacam-se os sounds systems, mixadores, scratches e os repentes eletrônicos que passaram a ser conhecidos como raps (Herschman, 2000, p. 19). É aí também que vão surgindo outros elementos associados à música: o break, as grafitagens de muros e trens do metrô, e um estilo de vestir despojado: calças de moleton, camisetas, bonés, tênis, gorros, das principais marcas esportivas.

Herschman identifica uma origem americana comum entre o funk e o hip hop, porém no Brasil, as especificidades da dinâmica cultural e a os modos de apropriações locais destas influências culturais transformaram o funk e o hip hop

em vertentes musicais e culturais distintas. O funk difundiu-se principalmente na cultura urbana carioca na década de 80, enquanto o hip hop expandiu-se principalmente em São Paulo, onde mobilizou a juventude negra e trabalhadora da cidade, organizando-se em grupos, associações, posses, e pequenas gravadoras. O hip hop tornou-se uma versão mais politizada da música negra. São Paulo tornou-se o principal centro irradiador do hip hop no Brasil, onde grupos como Racionais MC's, Sistema Negro, MDM, Câmbio Negro MRN, Pavilhão 9, têm expressiva presença na indústria fonográfica.

Para ilustrar o estilo musical desenvolvido pelos rappers tomamos como exemplo a letra de um dos raps nacionais mais conhecidos e divulgados, de autoria dos Racionais Mc's.

O tema central do rap é o contraste entre o fim de semana do rico e o do pobre, a visão que este último tem do modo de vida dos ricos:

“A toda comunidade pobre da Zona Sul,  
Só alegria, nós estamos no verão.  
Mês de janeiro, São Paulo, Zona Sul.  
Todo mundo à vontade, calor, céu azul,  
Eu quero aproveitar o sol.  
Encontrar os camaradas prum basquetebol.  
Não pega nada.  
Estou a uma hora da minha quebrada.  
Logo mais, quero ver todos em paz.  
Um, dois, três carros na calçada.  
Feliz e agitada!  
Toda a “playboyzada”, as garagens abertas,  
Eles lavam o carro, desperdiçam a água.  
Eles fazem a festa.  
Vários estilos, vagabundas, motocicletas.  
Coroa rico, boca aberta, isca predileta  
De verde fluorescente, queimada, sorridente,  
A mesma vaca loura circulando como sempre.  
Roda a banca dos playbois do Guarujá.  
Muitos manos se esquece mas na minha não se cresce  
Sou assim, estou legal, até me leve a mal.  
Malicioso e realista sou eu, mano Brown.  
Me dê quatro bons motivos pra não ser.  
Olha meu povo nas favelas e vai perceber.

O rap inicia-se com a perspectiva do fim de semana, da alegria, da festa, perspectiva que é contrariada pela percepção do contraste entre o espaço do rico e o do pobre, entre as imensas possibilidades dos ricos e a dos pobres cujas aspirações mais simples são impossíveis de realização, entre o Guarujá – lugar da elite – e minha quebrada – lugar das dificuldades.

O estilo de vida dos ricos é apresentado de forma irônica: o tempo de lazer dedicado à lavagem dos carros, ícone maior de consumo e status social, o gasto de água visto como desperdício para quem vive todas as carências; as garotas que circulam ao redor de coroas ricos são vistas de forma depreciativa – vacas louras, e os playboys como otários que se deixam seduzir pelas vacas louras, interessadas no dinheiro.

Há um convite insistente para os irmãos atentarem para as diferenças, para o não esquecimento, para a atitude maliciosa e realista do mano Brown.

No parque, lugar público as diferenças são sinalizadas de modo gritante: as famílias chegam em carangos do ano, pais ao lado dos filhos, brinquedos eletrônicos. No parque tem bicicletas, pai fazendo cooper. Também tem o clube, a quadra de esporte, cinema, pipoca e sorvete, piscina quente, corrida de kart.

E também tem "o pretinho vendo tudo do lado de fora", que "apenas sonha através do muro", afirmações que demarcam significativamente o lugar do jovem pobre e negro na cidade, sua exclusão de espaços privatizados, de espaços públicos que não mais se oferecem ao usufruto de todos.

Enquanto na quebrada, a molecada brinca do jeito que dá, "correndo pra lá e pra cá, jogando bola descalços nas ruas de terra", gritam palavrão, não tem vídeo game, as vezes nem televisão. A ironia comparece forte também ao relembrar o mito do Papai Noel que entretece o sonho de consumo de crianças ricas:

"No último Natal Papai Noel escondeu um brinquedo.  
Prateado. Brilhava no meio do mato.  
Um menininho de dez anos achou o presente.  
Era de ferro com doze balas no pente.  
E o fim do ano foi melhor pra muita gente"

Ao invés da fantasia, do brinquedo sonhado e almejado, a dura realidade do contato precoce com o mundo da criminalidade, com o caminho do crime que "tornou o fim de ano melhor pra muita gente.

A quebrada, a favela é por um lado valorizada como lugar de pertencimento, território de identificação:

"Ruas de terra, esse é o morro, a minha área minha espera!  
Gritaria na feira, "vamos chegando!"  
Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano,  
Na periferia a alegria é igual  
É lá que moram meus irmãos, meus amigos.  
E a maioria por aqui se parece comigo.

Há, portanto, um revalorização da periferia, como lugar de pertencimento, onde moram os irmãos, onde impera a alegria. Mas tem também o lado da violência, da pobreza, da exclusão, que precisa ser denunciado:

"A número, número um em baixa renda da cidade  
Comunidade sul é dignidade!  
Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro  
Polícia, a morte, polícia, socorro!  
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo  
Pra molecada frequentar. Nenhum incentivo.  
O investimento no lazer é muito escasso.  
O centro comunitário é um fracasso!  
Mas, aí, se quiser se destruir está no lugar certo.

Tem bebida e cocaína sempre por perto.  
A cada esquina, cem, duzentos metros,  
Nem sempre é bom ser esperto.  
Schmith, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari  
Pronúncia agradável, estrago inevitável  
Nomes estrangeiros que estão no nosso meio  
Para matar  
Merda”

As carências da periferia são assim nomeadas, principalmente as que dizem respeito mais diretamente aos jovens, como a ausência de equipamentos de lazer, além da violência que cotidianamente sofrem dos aparatos repressivos, e as alternativas destrutivas que a eles se oferecem cenário diante do qual o compositor se enfurece – merda.

Os Racionais falam da cidade dual, da cidade sem nuances, cidade de muros, de lugares demarcados. Da cidade a que os mais pobres não têm mais acesso e que precisa ser tomada de assalto seja este real ou simbólico.

O canto dos racionais é também um convite à luta, ao não esquecimento, à união dos que estão de fora. Os “manos” são convocados:

“Vamos investir em nós mesmos  
Mantendo distância das drogas e do álcool  
Aí rapaziada ....

#### **4. O hip hop em João Pessoa.**

Em João Pessoa o movimento se expande principalmente a partir da década de 80 e chega inicialmente através da televisão. Alguns jovens ficaram impressionados com o modo de dançar apresentado por alguns grupos de hip hop e decidem então se reunir para tentar reproduzir os passos da dança. O local de encontro era o Espaço Cultural, órgão do governo do Estado onde se desenvolvem atividades artísticas, cursos de arte, shows, etc. Deste convívio surge um grupo que se identificava com o hip hop – o Justa Causa – e que constituiu o núcleo inicial do movimento na cidade. Posteriormente este grupo subdividiu-se em dois novos grupos: tribo Ethnos e Auto-Controle.

Outro participante do movimento divide sua história em dois momentos, a primeira geração representada pelos grupos citados acima e a atual que envolve um número maior de grupos. Para este entrevistado, seu contato com o hip hop se deu através de um carro de som que circulava em torno do mercado de Mangabeira, bairro situado na periferia da cidade e onde mora o rapper entrevistado. Seu interesse pela música iniciou-se com o funk e no início da adolescência costumava frequentar os bailes da cidade. Posteriormente conheceu um rapper da primeira geração e a partir daí começou a frequentar o pessoal, escutar raps e a partir “daí foi se formando no rap”. Até hoje se observa que os grupos se formam e também se dissolvem com muita facilidade, se recompõem ou migram para outros gêneros musicais.

Aconteceram algumas tentativas de trabalho conjunto, articulando diversos grupos do movimento, a chamada Caravana do Hip hop, que tentou difundir o movimento nos bairros da periferia, mas a iniciativa não teve duração muito longa.

Atualmente foram identificados 10 grupos de hip hop na cidade – Aliados de Mangabeira, (Mangabeira), Realidade Crua (Tôrre, Funcionários), Reação da Periferia (Mangabeira), Primatas do Mutirão (Nova República), Criados na Rua (Funcionários), O Predador (Mangabeira), Revolucionários do Rap (Funcionários), Atitude Urbana (Geisel, Funcionários e Mangabeira), Segure o B. O. (Mangabeira), Afronordestinas (Funcionários, Tôrre). Todos se situam em bairros da região sudeste que se expandiu após a década de 70 em consequência de intervenções do BNH, com a construção de grandes conjuntos habitacionais direcionados à população de renda mais baixa da cidade.

O movimento não se apresenta uniforme e algumas tendências puderam ser identificadas no seu interior: a Tribo Ethnos, que iniciou o movimento na cidade dedica-se atualmente a uma fase mais experimentalista, pesquisando instrumentos e ritmos musicais diferentes, mesclando músicas de fontes culturas diversas. Os grupos Reação da Periferia e Primatas do Mutirão fazem um som mais politizado, com letras que retratam o cotidiano da periferia. Este é também o caso do grupo Realidade Crua, que além de um discurso politizado procura também mesclar o rap com ritmos e instrumentos musicais nordestinos.

Qual a leitura que o rap paraibano faz da cidade e dos seus jovens?

As letras do rapper Cassiano Pedra condenam as drogas e indicam para os manos o caminho da escola como saída para a precariedade de condições atuais. Apresentam também referências à vida na periferia, à violência e aos estigmas de que são alvos:

“João Pessoa, cidade verde, Zona Sul,  
O hip hop na batalha pra salvar mais um  
Do meu irmão eu tenho o maior orgulho,  
É menor, mas crescer sem fazer barulho,  
Eu tô sabendo, ele também tem seus figuras,  
A nova geração que vem das ruas,  
Muito mais postura,  
Então chega, matar não é saída não,  
Fique ligado no rap, Primatas do Mutirão,  
Tenho pouca idade mas cenas, pessoas então,  
Neguinho de ferro na cinta, dando porrada na cara do outro irmão,

Fiquei triste mas não pude fazer nada,  
Vendo mais um morrendo aqui na nossa quebrada,  
A barra é pesada, na mente várias sequelas,  
Esqueço e vou pra escola,  
Pois sei que lá o futuro me espera,  
Tá pensando que não penso, a minha mente é a arma,  
O rap é a bala, a língua o gatilho,  
E a verdade que mando não falha,  
Não sou gentalha, sou mais um filho da luta,  
Lutando pra sobreviver, aqui no Nova República”.

Trata-se de um rap que discorre sobre as dificuldades da vida na periferia, a violência precoce, assassinatos entre irmãos, porrada na cara do outro e também da saída oferecida pelo hip hop: o hip hop na batalha pra salvar mais um. O tema da luta, da batalha é uma constante, o cenário urbano é o da guerra e as armas da batalha são o rap e a língua. Nas letras deste rapper há uma preocupação muito forte com o acenar de caminhos, a busca pela educação, a distância em relação ao mundo das drogas.

Outro compositor o Mapa também faz raps sobre a cidade, um dos quais se intitula "Na área de cada um", onde afirma:

"A sua área, só você conhece,  
Lá só você sabe mesmo o que acontece  
Se é um tiroteio, assassinatos, fatos sangrentos,  
Cotidiano sempre assim, sempre violento.  
Um dia já foi vítima, se não foi um dia vai,  
Mas aí consequência onde é difícil a paz,  
João Pessoa de qualquer outra cidade não é diferente.  
Dia após dia a violência é crescente.

Rap que fala sobre o conhecimento do lugar, da violência que lá impera, e da rua como lugar do medo: "em casa eu tô em paz, na rua é muita treta. Em outro momento aparece a consciência da diferença: ao tematizar sobre as carências de seu bairro, afirma: "nada disso ou daquilo que os playboy possui, é só pobreza e violência que nos influi".

O ímpeto guerreiro, a dimensão da cidade como espaço de luta, a falta de perspectiva enfrentada pelos jovens da periferia, são temas constantes nos raps deste compositor:

"Tô aqui é ... de mangas arregaçadas  
Junto com os manos Dj Dal e Metralha  
Difícil batalha, condições precárias  
Mas periferia é assim mesmo  
Encaro de frente, de lutar não tenho medo  
Para os poderosos isso não é apelo  
Muito menos pelos maluco tiroteio  
Falo do que, do que nos revolta  
Injustiça, droga, polícia, desigualdade e violência  
Tudo influencia quando na adolescência  
Pois não existe perspectiva de vida para o futuro

Mas a força da palavra é enfatizada e associada com imagens fortes. As palavras podem se infiltrar nos sujeitos, perturbá-los, provocar questionamentos identitários:

Engatinho o cano, conto até três e atiro  
Pô, tô na minha, tô cabreiro, tô tranquilo  
A bala penetrou na sua mente



Foi até lá se alojou no subconsciente  
Fico dentro de ti um questionamento  
Bandido ou mocinho, quem sou eu no momento  
Rha... Rha... você poderá me responder  
Sim ou não, otário, quem é você  
O mundo é grande a gente se perde  
A vida por linhas tortas é que se escreve  
Então se liga, siga um caminho que reto é um só  
Estreito pequeno difícil esse mundo é fudido sabemos de cor

Há tensão entre o mundo sempre visto como algo perturbador e o hip hop aponta o caminho a ser seguido para evitar se perder.

Os raps analisados apresentam em comum a indignação dos jovens com o lugar que ocupam na sociedade. Seus locais de origem são nomeados, há certo orgulho nesta inscrição, e ao mesmo tempo, é muito forte o sentimento de estigma, a oposição que é expressa entre os manos – o habitante da periferia, e os playboys que habitam bairros mais nobres da cidade.

Trata-se, portanto, de um modelo de construção da juventude que destaca seu aspecto fragmentado, não há juventude, mas juventudes, e a da periferia está indignada com o descaso a que está relegada, não se sente parte da mesma juventude que desfruta de melhores condições de vida. Fala para seus pares na tentativa de conscientizá-los, caminho que consideram viável para um revolução, nomeada, mas pouco explicitada, que conta apenas com a união, com a força dos iguais e a da palavra. Ao lado desta dimensão mais política os rappers também vêem no movimento um caminho de profissionalização.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas Juvenis. Punks e Darks no espetáculo urbano. São Paulo, Escrita/ANPOCS, 1994. ARCE.

José M. V. Vida de Barro Duro. Cultura Popular Juvenil e Grafite. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1999.

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1981.

EISENSTADT, S. N. De Geração a geração. Editora Perspectiva, São Paulo, 1976.

FAUSTO NETO, Ana Maria Q. e Quiroga, C. "Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais". Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. Juventude. Ensaios sobre Sociologia e História das Juvnetudes Modernas.

HERSCHMANN, Micael. (org.) Abalando os anos 90. Funk e Hip hop. Globalização, vioência e estilo cultural.

HERSHMANN. Micael. O funik e o hip hop invadem a cena. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, 2000.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna" in G. Levi e Schmitt (orgs.). História dos Jovens, vol. I., São Paulo, Companhia das Letras, 1996.